O CORPO QUE PESA

AUGUSTO LA FERE

ARS VERBI

O CORPO QUE PESA

AUGUSTO LA FERE

O CORPO QUE PESA

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2026

Créditos

O Corpo que Pesa
© 2026 Augusto La Fere
ISNI 0000 0005 3055 2890
Publicado por *Ars Verbi*™
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital
ISBN: 978-65-988753-5-0

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:
— Atribua o crédito ao autor;
— Não a utilize para fins comerciais;
— Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/
https://arsverbi.com.br

Dedicatória

A todos os corpos que não couberam nos formulários.

"Meu corpo é político, mas não é bandeira.
É vestígio."

— *Sérgio Augusto Domingues*

Antes

Antes do verso, a dor gravava o corpo ao chão.
Na carne, o peso vem e fica como gesto.
A forma ganha pele e segue sendo resto.
Do fundo, o gesto vem por dentro da pressão.

A moldura sustém o que transborda ao chão.
Na fratura se lê a espessura do gesto.
O osso guarda o fundo em que repousa o resto.
Escrever desce ao osso e recolhe a pressão.

Cada palavra desce e encontra outro chão.
A carne guarda em si a forma de viver.
No osso, o gesto vem e conserva a pressão.

O resto fica em nós e torna a acontecer.
A matéria recolhe o resto sob o chão.
Na carne, o gesto ainda vem para não morrer.

ATO I

O DESPERTAR DO CORPO

Soneto 1 — O Primeiro Vão

O corpo sente o vão, não diz, não vê,
Ausência que se forma e toma o ar.
Ainda não é dor, mas já é lugar
Do gesto que hesita em ser. Talvez.

O peso não se vê, mas toca o chão.
A pele tenta o mundo decifrar.
O gesto vem e falha ao se firmar,
Sem nome, sem figura ou direção.

O vão começa a andar sem perceber.
O corpo curvo está, fica no escuro,
Sem força pra negar ou responder.

É como se o silêncio fosse muro,
E o ser, sem ter por onde se estender,
Aceitasse o vazio mais obscuro.

Soneto 2 — Cântaro de Silêncio

O cântaro, em silêncio, verte o som
Que não chegou a ser palavra ou grito.
O corpo o leva como um fardo escrito
Na carne onde o silêncio faz seu dom.

Não há sinal que torne o gesto bom,
Nem voz que vença o peso do conflito.
E a boca, em sua ânsia, diz o mito
Do verbo que se perde antes do tom.

Não grita quem se cala — mas quem sente
A dor que nunca pôde ser falada.
É grito que se forma lentamente.

E volta o som à boca recusada:
Não brada, não responde, mas consente
Que a fala seja o resto da jornada.

Soneto 4 — Respiração de Pedra

O ar não entra — apenas se demora
Na margem onde a carne não se move.
O peito, que resiste, já não ouve
O som que o tempo sopra e desincorpora.

Respira a pedra, embora nada exora:
Nem dor, nem sopro, nem calor que prove.
A vida se condensa e não remove
O peso que se instala e não melhora.

É fôlego sem rumo, sem razão,
Matéria que persiste sem ter voz,
Presença muda em lenta combustão.

O gesto, ali, respira entre os escombros:
Não busca ar — apenas sua prisão,
Como quem vive apenas por estar aos ombros.

Soneto 5 — O Segredo Encoberto

O gesto se formou, mas se calou.
Ficou retido à beira da intenção.
Nasceu da carne, à margem da expressão,
Mas ao conter-se, inteiro se elevou.

Não quis a fala, o palco — e recusou
O brilho vago da exibição.
No escuro, fez do corpo a contenção,
E assim guardado, mais do que falou.

Quem guarda o gesto funda outro dizer:
A forma que não surge, mas persiste.
O ato que recusa o seu poder.

É voz sem som, presença que resiste.
O gesto encoberto ensina a conter
O mundo que só grita — e não existe.

Soneto 6 — Pedra que Sangra em Silêncio

A pedra não reclama sua dor.
Não grita, não se parte, não se move.
Mas algo nela pulsa e não remove
O traço oculto que deixou o horror.

Seu centro não conhece o dissabor,
Mas sabe o que um silêncio nunca prove.
Carrega em si um nome que comove
Sem nunca ter falado o seu rancor.

Há sangue ali — mas nunca a cicatriz.
A pedra cala, e nisso é mais feroz
Que o corpo exposto ao golpe que o desfez.

É gesto que se enterra sem raiz,
É boca que recusa a própria voz,
E grita por ninguém, uma só vez.

Soneto 7 — O Chão é Meu Nome

Não tenho nome além do que sustento:
O peso do meu corpo sobre o chão.
Sou carne sem bandeira ou direção,
Que firma o ser no pó do movimento.

Não peço mais que um pouco de cimento
Pra ser quem sou sem título ou brasão.
Minha linguagem nasce da pressão
Do pé no barro, em gesto sem intento.

Sou rastro que não fica, mas afirma
Que o passo se inscreveu, ainda assim.
Sou o que toca o mundo e o que o confirma.

Não falo: minha voz se ouve no fim
Do ato que não brilha, mas exprime
Um nome que não cabe no jardim.

Soneto 9 — O Peso Invisível

Há pesos que não tocam — mas afundam.
O corpo sente antes de entender.
E mesmo sem saber o que é sofrer,
O gesto curva as costas, que não perguntam.

Não são as dores visíveis que inundam
O peito; é o que não cede ao padecer.
O que se cala — e insiste em não ceder —
É o que, no fim, nos faz perder a altura.

É o peso que não sai na radiografia,
A ausência que se impõe como presença,
E cresce à sombra de uma luz vazia.

É carga sem medida ou consistência:
O corpo a carrega e nem sabia
Que havia ali um nome em forma de sentença.

Soneto 10 — Nenhum Nome no Começo da Carne

Nasci sem voz, sem rito, sem ornato.
Ninguém me deu o nome da esperança.
Minha herança foi o som da desconfiança,
E o corpo foi meu único contrato.

Não quis brasão, promessa ou aparato.
Carrego o que me coube: a insegurança.
O gesto que não mostra, mas balança,
E nunca encontra chão para o seu fato.

Prefiro o que se faz sem pretensão.
O nome pesa mais que o necessário.
E tudo o que é herdado prende a mão.

Sou carne sem registro ou calendário.
Prefiro ser silêncio e extensão
Do que vestir um título precário.

Soneto 13 — Máscara de Névoa

Me dei ao mundo como quem disfarça.
O rosto era um limite, não um fim.
Mostrava o que escondia por ser assim:
Um corpo que se faz daquilo que amordaça.

A névoa me cobria como farsa.
Mas não negava o fundo que há em mim.
Havia um gesto tenso, quase afim
De revelar o que o silêncio traça.

Usei a face como quem se esconde,
Mas toda máscara ainda é pele exposta
Que entrega mais do que o espelho responde.

Na névoa, a carne cala e não desgosta.
A farsa é só o véu que corresponde
À dor de ser sem nome e sem resposta.

Soneto 14 — O Grito Retido

O grito veio inteiro, mas parou
Na curva que separa o som do ato.
Ficou ali, suspenso no relato,
Sem ter por onde ou como ser quem sou.

Não era dor — mas o que me calou
Trazia em si o risco do contrato.
Pois quem revela aquilo que é exato
Perde o direito de ser o que faltou.

Retive o grito — e nisso fui mais forte.
Pois gritar é, às vezes, consentir.
E calar, resistir à própria sorte.

O gesto que não fere, mas persiste,
É o corpo recusando sua morte:
Não quer falar — apenas existir.

Soneto 15 — Riso de Berço

O riso veio antes da palavra dita.
Não foi razão — foi ar que se arquejava.
A carne, ao se mover, já desenhava
O som que não buscava uma escrita.

Ninguém pediu que o corpo se explicita.
O riso não queria causa ou trava.
Brotou sem ter vontade ou voz escrava,
Um gesto que a linguagem não limita.

Foi riso nu, primeiro, sem medida.
Antes do medo, antes da ferida,
Rasgando o mundo sem querer entrada.

E ali, no berço, sem história ou prazo,
O corpo, em seu começo, abriu um raso
Espaço onde a alegria é só jornada.

Soneto 17 — Pele Que Aprende o Ar

Não foi por dentro que eu entendi o mundo.
Foi na pele — onde o toque é tradução.
Cada poro é pergunta em expansão,
E o ar responde em gesto vagabundo.

A pele não conhece o que é profundo,
Mas sente o que não cabe em definição.
Ali, o corpo inteiro é percepção,
E o sentido é silêncio vagabundo.

O mundo vem à pele como vento.
Não deixa nome, mas deixa presença,
E ensina o corpo a ler seu movimento.

Quem sente pela pele — e não dispensa
O ar que a carne toca em desalento —
Já sabe que o silêncio é recompensa.

Soneto 18 — O Corpo como Testemunha

Meu corpo viu o que ninguém guardava.
Memória que não cabe em pensamento.
Aquilo que passou sem ter momento
Ficou em mim, e a carne o carregava.

Foi dor? Não sei. Só sei que me marcava.
Não houve voz, mas houve o sofrimento.
E o corpo, sem conceito ou argumento,
Se fez a prova viva que restava.

Sou testemunha muda do que arde.
O corpo lembra o que a mente esquece,
E o gesto diz aquilo que não cabe.

Não narro: minha carne é o que acontece.
No meu silêncio, algo se reparte
E fala sem querer que se confesse.

ATO II

A ILUSÃO DO ESPETÁCULO

Soneto 19 — O Espelho Aceso

O corpo viu-se, enfim, como figura.
No espelho, a forma antiga se acendia.
Mas não havia alma: só vazia
Imitação da carne em moldura.

Foi brilho — e foi promessa sem doçura.
Imagem que sorria e não sentia.
Rosto que se encenava em poesia,
E gesto que imitava a própria altura.

O corpo quis saber quem era ali.
Mas tudo era reflexo, superfície,
E o vulto se perdeu antes de si.

Na pose, o gesto morre em artifício.
E o espelho, que devia refletir,
Só mostra o vão que resta no fictício.

Soneto 20 — Cena sem Texto

Entrei na cena sem saber o enredo.
Me deram luz, silêncio e posição.
Mas nada disse — e houve comoção:
O corpo era o discurso, e o segredo.

Fingi saber o tom, mas tinha medo.
O gesto me dizia a direção,
Mas algo em mim buscava a omissão
E abandonava a fala antes do cedo.

Fiquei no centro — mudo, em pleno ato.
E o público esperava a performance
Que nunca se faria em qualquer fato.

E então, por fim, restou o não-acontece:
A cena sem roteiro e sem contrato,
O gesto que hesita — e ainda acontece.

Soneto 21 — Plateia Vazia

Falei — mas ninguém estava na plateia.
O gesto foi completo, mas sozinho.
A luz caiu no palco, mas sem ninho,
E o som morreu na borda da ideia.

Fiz tudo como manda a velha ceia:
Entonação, silêncio e tom mesquinho.
Mas não havia olhar, nem outro espinho,
Só o eco de um ensaio que falseia.

É cena sem resposta ou testemunha,
Grito lançado à sombra, sem retorno,
Memória que se esvazia e se arranha.

E ao fim, a carne cansa desse entorno.
O corpo que não serve à escuta alheia
Desiste de dizer — e se acompanha.

Soneto 23 — A Fala Que Não Era Minha

Falaram por meus lábios, sem cessar.
Disseram o que eu nunca tive em mim.
Tomaram meu silêncio como fim
E deram-me palavras pra agradar.

Fui boca, não discurso; fui lugar
De um som que me negava desde o início.
Sorri pra não quebrar o artifício
E a fala me obrigou a me calar.

Então calei de vez — e por vingança.
Neguei a voz que me vestia em vão.
Retomei a falha como esperança.

Meu corpo, que não pede tradução,
Agora fala só com a lembrança
Do gesto que se nega à convenção.

Soneto 24 — Corpo Cênico

Fui treinado pra estar em movimento.
Cada gesto um sinal de aceitação.
Cada passo medido em intenção
De nunca revelar o desalento.

Aprendi a sorrir no contratempo.
A cair com domínio e precisão.
E mesmo quando o corpo diz "não",
A cena exige riso e fingimento.

Mas um dia, falhei — de propósito.
Tremi no meio exato do script.
Deixei cair o gesto, como um rito.

E ali, na interrupção, um indício:
O corpo, por um sopro, foi despótico.
Negou ser farsa. E isso foi seu início.

Soneto 25 — A Falha Encenada

Errar virou o centro da função.
O tropeço ensaiado gera aplauso.
A dor que se repete cria um falso
Sentido de presença em exibição.

O corpo, antes falho, vira padrão.
A lágrima prevista nunca é pausa.
Até o caos se curva ao som da causa
E dança o erro em luz e direção.

Mas algo no meu gesto descompassa.
Não erro como querem — erro fundo.
Não há roteiro para minha ameaça.

Eu falho sem vanglória, sem segundo.
E nisso o corpo enfim se desembaraça
Do que fingia ser, perante o mundo.

Soneto 26 — Escavação da Carne

Escrevo com o corpo — não com a mão.
Cada palavra arranha a própria pele.
É carne que se estende quando fere,
Abrindo sulcos no que é direção.

Não digo o que entendo: mas o vão
Do gesto que vacila e se repele.
É a dor que se esconde quando é breve,
Mas funda a grafia da negação.

O verbo é cicatriz, não é linguagem.
É tudo o que não sai, mas quer sangrar.
Escrever é tornar-se só passagem.

E o corpo, que não sabe mais calar,
Escava a própria dor como a paisagem
Do texto que não cessa de rasgar.

Soneto 30 — Oração Deserta

Rezei — mas não havia quem ouvisse.
A fala bateu seca no escuro.
Não houve santo, símbolo ou futuro
No altar em que o silêncio se esvaísse.

Roguei com a fome, o gesto e a cicatriz.
Mas tudo era oco, vago, sem muro.
A fé se fez matéria no mais duro
Corpo que, ao ajoelhar, se contradiz.

O chão não respondeu. Nem a litania.
O eco foi um sim que não voltou,
Um nome sem resposta ou serventia.

A carne se calou. E emudecida,
Sentiu que o próprio Deus se retirou
Pra ver se a súplica era só ferida.

Soneto 31 — Palavras que Dançam

Falei, mas sem querer formar sentido.
A boca só dançava o que era vento.
O som não se curvava ao pensamento,
Mas vinha como riso distraído.

A língua tropeçava no ouvido.
E o verbo se tornava só lamento.
Mas mesmo assim, havia algum alento
No corpo que errava em voz e abrigo.

Às vezes, é na falha que se voa.
A fala, sem querer, vira poema.
E o gesto que não diz compõe a loa.

Meu corpo diz, embora sem sistema.
E a dança que balbucia e ressoa
É mais real que a ordem ou o dilema.

Soneto 32 — O Corpo como Resto

Fiquei depois do fim — como resíduo.
O gesto já cessara. Só o eco
Do que fui persistia, quase seco,
Como o que sobra após todo o ruído.

Já não cabia cena nem sentido.
A pele era lembrança e algum farelo.
Um corpo além do tempo e paralelo
Ao ato que não mais fazia abrigo.

Sou resto. Sou escama. Sou detrito.
A sobra do que fui quando tentei
Ser forma que sustenta um manuscrito.

Mas mesmo assim, no chão onde pisei,
Ficou algo de mim — feito grafito:
Presença sem função. Mas não zerei.

Soneto 33 — Gesto sem Origem

O braço se ergueu — mas sem vontade.
Não houve mente, impulso ou decisão.
O gesto aconteceu na direção
Do nada que se impõe como verdade.

Não fui eu — foi o corpo em liberdade.
Movido por ausência ou pressão,
Agindo por esquiva ou negação,
Num traço sem começo ou identidade.

Depois, tentei lembrar se fui o autor.
Mas tudo era reflexo, ou repetição
De algo que agiu por mim, sem meu calor.

E o corpo, que seguiu sem permissão,
Foi mais sincero do que o orador:
Fez sem querer — e nisso foi oração.

Soneto 34 — Ossatura Frágil

Quebrei — mas não foi cena ou metáfora.
O osso se partiu sob o silêncio.
Não houve grito — só um som suspenso
De algo que cedeu sem ter escora.

Foi súbito, banal, como quem chora
Sem saber por que veio o despenso.
O corpo, em sua ruína, virou lenço
Molhado em dor real, sem superfície agora.

A carne se fez peso e desistência.
O osso confessou sua demora
Em sustentar o peso da aparência.

Não era simbolismo, nem memória:
Era só dor que finda a consistência
De um corpo que já não suporta a história.

Soneto 35 — Silêncio Ósseo

Não falo mais — só estalo como os ossos.
A boca desaprendeu a dicção.
A fala se dispersa em fricção
Entre as vértebras e seus destroços.

É o som que se produz sem ser palato.
É estalo, fratura, repetição.
O verbo virou dor na contração
De um corpo que range como relato.

O mundo quer que eu diga — mas me escuta?
Se só me restam sons que são falência,
Por que exigir do escombro uma conduta?

Sou estalido, ausência e reticência.
Silêncio ósseo: som de quem se escuta
Quando o corpo inteiro é resistência.

ATO III

O CORPO EM RUÍNA

Soneto 37 — Vozes de Hospital

A sala é cheia, o tempo é o que estagna.
Corpos sentados, pálidos, calados.
Uns já perderam nomes e recados,
Outros sustentam olhos sem alvorada.

Não há senhas, tampouco há campanha.
O gesto ali é o mesmo em mil rostos dados:
Esperar por um toque ou resultados
Que digam se a dor some ou acompanha.

Somos matéria exausta na poltrona.
A carne iguala ricos, velhos, moços.
O sangue é o mesmo, a espera nos aprisiona.

E no silêncio, feito em ossos roxos,
Um corpo tosse — e outro corpo entona
Um gesto mínimo, que empurra os poços.

Soneto 38 — Carta a Antígona

Antígona, me escuta deste poço:
Teu gesto ainda arde em minha garganta.
A lei dizia "não", mas tua esp'rança
Cobriu com pano um corpo já sem rosto.

Também aqui negaram o que é fosso:
Um corpo sem lugar, sem fé, sem lança.
E os juízes calaram a balança,
Pois pesa mais quem morre em próprio osso.

Me ensina a carregar essa ausência.
A dar sepulcro ao que já se perdeu.
A resistir sem ter sobrevivência.

Antígona, teu gesto não morreu.
Enterro o que me resta em paciência,
Pois só quem dobra a dor, enterra o eu.

Soneto 39 — Corpo de Pasolini

Te deixaram na praia, sem sapatos.
O rosto contra a terra, já partido.
Pasolini, teu corpo destruído
É livro onde escreveram seus contratos.

Te odiaram por gritar entre os retratos.
Te amaram quando enfim foste silvido.
E o corpo, que era escândalo erguido,
Virou manchete, ruído entre os boatos.

Mas tua carne é ainda uma linguagem.
Tua boca estilhaça os monumentos
Com o silêncio imposto na passagem.

Te escuto entre ruínas e lamentos.
Teu corpo é meu — na mesma vassalagem:
Somos o gesto após os testamentos.

Soneto 40 — Corpo Coletivo

Não há mais "eu" no corpo que se espalha.
Somos mil bocas — todas em silêncio.
Mil olhos — todos voltados ao centro
De um palco sem sinal, sem mortalha.

Marchamos — mas ninguém sabe a batalha.
O passo se repete em contratempo.
O grito se repete em contratempo.
E o gesto é só padrão que se retalha.

Fomos um só, mas não por decisão.
Fomos um só no peso que recai
Sobre o que não possui identificação.

E ao fim, quando a multidão se esvai,
Resta no chão a mesma dimensão:
O corpo sem autoria que cai.

Soneto 41 — Joana no Fogo

Joana, teu silêncio não queimou.
Arde até hoje em carne que se lembra.
A língua que te deram era emembra
De um Deus que na fogueira te calou.

Mas o teu corpo, em chamas, sussurrou
Um gesto mais real que a fé que o enreda.
Pois resistir ao medo é a moeda
Com que se paga o nome que restou.

Também me interrogaram sem justiça.
Queriam que eu negasse o que me habita,
Que fosse verbo, e não raiz omissa.

Mas tua voz ainda me visita:
"Se arder é ser fiel à própria liça,
Então que o corpo queime — mas não grita."

Soneto 43 — Voz de um Soldado Antigo

Marchamos noite adentro sem saber
Por quem, por quê, por qual razão maior.
A pátria era só frase sem sabor,
E o corpo, a ferramenta de morrer.

Nos deram pão, saudade e um dever.
Nos deram um fuzil por salvador.
Mas quem voltou do sangue e do suor
Jamais voltou com alma pra viver.

Agora estou aqui — sem medalhas.
Carrego no joelho uma lembrança
E na cabeça, ecos de metralhas.

O corpo que voltou não teve andança.
É sombra de um país entre migalhas,
Que fez da carne um campo sem esperança.

Soneto 44 — Corpo Recusado

Pediram que eu sorrisse — não sabia.
Depois, que fosse forte — não cabia.
Depois, que fosse neutro — e eu tremia.
Depois, que fosse dócil — e eu ardia.

Me pedem forma, gênero, harmonia.
Me impõem função, medida e fidalguia.
Mas cada vez que o corpo respondia,
Rasgava mais a pele da utopia.

Não sirvo pra o que esperam. E recuso
A ser figura, símbolo ou função.
Sou carne sem modelo — e não confuso.

Sou gesto em suspensão e negação.
E mesmo sem lugar, me fundo e uso
A própria exclusão como invenção.

Soneto 45 — Os Nomes que Não Vieram

Não lembro seus nomes — mas existiram.
Passaram como vento, como pó.
Ninguém gravou o gesto que era só
O que restava aos corpos que ruíram.

E mesmo assim, no nada, resistiram.
E mesmo assim, sem nome, foram nó
Na história que passou por cima — e dó
Foi tudo o que deixaram, se partiram.

Eu falo por aqueles que não foram.
Eu sou a cicatriz do que calaram.
Meus ossos, como os deles, já se exporam.

E se hoje esses versos te tocaram,
É porque os corpos, mesmo se devoram,
Insistem em dizer — mesmo se apagaram.

Soneto 46 — Corpo que se Dobra

O corpo já não luta — ele se dobra.
Cansou de resistir a cada tombo.
Não cai de vez, mas curva-se no rombo
De si, como quem vive e se desmembra.

É gesto de silêncio que recobra
A forma de existir sendo escombro.
O osso quer pousar, fugir do assombro
De ser suporte quando nada sobra.

Não há mais culpa em ser o que se inclina.
Ceder é hoje a forma da coragem,
Pois há beleza em curva que declina.

E ao ver-se em dobra, o corpo vira margem,
Lugar de não-limite, luz fina
No centro da fratura e da miragem.

Soneto 49 — O Grito Cego

Gritei — mas o grito não teve voz.
Subiu por entre vértebras e ossos,
Rasgando o ar, sem rastro, sem alvoroços,
E murchou antes de chegar até nós.

Não foi um som — foi fúria sem algoz.
Foi peso que não cede aos próprios esforços.
Um gesto abortado entre destroços,
Um fogo que ardeu sem deixar pós.

O grito cego é dor que não se explica.
É forma muda da desesperança.
É raiva surda que em si se duplica.

E mesmo sem fazer qualquer cobrança,
É tudo o que o silêncio não replica —
Uma ausência que geme e não se lança.

Soneto 50 — Espelho Estilhaçado

Olhei — mas não havia mais reflexo.
O vidro me negava, estilhaçado.
Não vi meu rosto, vi um corpo errado,
Feito em pedaços, luzes sem anexo.

Busquei minha pupila, mas perplexo
Fiquei com o contorno deslocado.
Não era eu, nem era o meu passado.
A imagem era só subterfúgio.

O espelho recusava meu retorno.
Não quis compor a face que desmonto.
Negou-se a refletir quem já é entorno.

E vi que até o vidro, em seu confronto,
Sabia que a verdade tem contorno:
Ser corpo é ser espelho — já sem ponto.

Soneto 52 — Última Tentativa

Levantei-me — não por fé, mas por impulso.
Um resto de nervura me empurrou.
Era fração de força que restou
Do corpo já tomado pelo pulso.

Subi um degrau — mas tudo era avulso.
Não havia sentido no que dou.
A carne andou sem mapa, e se arrastou
Por entre os estilhaços do percurso.

Mas mesmo assim, tentei. Houve o começo
De um gesto que negava o desespero.
Talvez não seja tudo o que mereço.

Mas houve corpo, mesmo por inteiro
Feito em ruína. E nisso me reconheço:
Ser quase nada — e ainda assim primeiro.

Soneto 53 — Visita Breve

Entrou sem avisar — como se fosse
Um vento delicado sobre a pele.
Não disse nada, mas seu toque fere
O corpo que se cala e se encolhe.

Não veio como sonho, nem consolo.
Foi só um brilho, um gesto que revele
Que a vida, mesmo em dor, ainda se vele
Em presenças que o luto não controle.

Tocou meu ombro — e foi como esperança.
Durou o que a ternura pode ser:
Um instante em que o peso vira dança.

Depois partiu, sem nome e sem querer.
Mas sei que algo em mim, mesmo sem lança,
Acreditou que o gesto é renascer.

Soneto 54 — Corpo que Recusa o Fim

Me disseram: "Agora, é só parar."
Mas o corpo, mesmo exausto, deu um passo.
Foi torto, frágil, trêmulo e sem laço,
Mas algo nele quis continuar.

Não era fé. Tampouco foi amar.
Foi hábito, talvez — ou só cansaço
De não ceder à dor sem um espaço
Que diga: "ainda é cedo pra findar."

O corpo é insistência que resiste.
Mesmo ruína, quer sobreviver.
É toco de raiz que se reveste.

E mesmo sem razão pra se mover,
Recusa o fim, e nisso se reveste:
Ser vida no limite de morrer.

ATO IV

O CORPO COMO FRONTEIRA

Soneto 55 — Muro Interno

O corpo é o muro onde o mundo se parte.
De um lado, o sangue: história e permanência.
Do outro, o ar: desejo e resistência.
E o meio — a carne — se retorce em arte.

Não há passagem limpa entre a vontade
E o gesto que responde à exigência.
Nem todo vão aceita a transparência:
Há dor que separa mais que a grade.

Sou limite de mim, porta entreaberta.
O que entra me molda, mas não define.
O que sai me acusa, me desconcerta.

O corpo é o entre — não o que confine.
É a borda que persiste, sempre alerta,
Mesmo onde a fronteira se afine.

Soneto 56 — Bisturi

O corte foi preciso. A mão sabia.
Abriu sem hesitar a pele exata.
O gesto era tão firme que não mata,
Mas algo em mim tremeu de anestesia.

Não era dor — era a liturgia
De ser tocado fora da cascata
Dos gestos que o afeto delimita.
Era invasão, e não cirurgia.

Ali, meu corpo não era meu nome.
Era um projeto clínico e sem face.
Um mapa onde a ciência se consome.

E mesmo que me salvem ou disfarce,
O bisturi, ao tocar, não só consome:
Também apaga o que em mim era enlace.

Soneto 57 — Consentimento

Assinei com a mão que não sentia.
Um termo, uma permissão, uma renúncia.
Ali, meu corpo cedia à denúncia
De já não saber se me pertencia.

Consentir não foi escolha. Foi vigia
Que disse: "ou isso ou a falência."
A liberdade vem com penitência,
E a cláusula não era só valia.

Dizem que autorizei — mas foi com medo.
E o medo não assina com verdade.
Só marca com silêncio o próprio enredo.

O corpo aquiesceu, mas por vontade?
Ou porque resistir não era o enredo
E negar seria nova enfermidade?

Soneto 58 — Formulário

Preenchi os quadrados, cada linha.
Informei a idade, a dor, o sangue.
Assinei com cuidado — a letra exangue
De quem já não é corpo, mas rotina.

E ali, entre siglas, a alma se inclina.
Os dados substituem a fome, a gangue,
O amor, o nome, a ausência que se alongue.
O que importa é a pressão. Ou se urina.

Não há lugar no laudo para um grito.
Nem para a história do meu gesto antigo.
Só para o que é mensurável e restrito.

Ali, não sou sujeito. Sou artigo.
O corpo é só o que cabe no escrito.
O resto? Arquiva-se no umbigo.

Soneto 62 — Genoma

Sou sequência de letras, num arquivo.
Um mapa feito em bases, nucleotídeos.
O erro? Está na base. Nos resíduos
Do que não era puro ou primitivo.

Não sou mistério. Sou algoritmo vivo.
Codificado em genes repetidos.
Mutável como nomes esquecidos,
Mas lido como dado definitivo.

Dizem que há verdades no que herdei.
Mas o que sou não cabe em biometria.
Nem na sigla do traço que roguei.

O corpo é mais que fenda ou simetria.
É tudo o que no código neguei:
Um gesto que não cede à genealogia.

Soneto 64 — Cárcere de Carne

Há grades que não vejo, mas me tomam.
São ossos, sim — mas também as palavras.
São rotas, rotinas, portas, lavras
Que dizem: "sente", "aguente", "nunca somam".

Carrego no joelho os dias que domam
O passo livre em pedras e palavras.
Meus ombros são os muros das manobras
Que fazem do meu nome um que não somam.

Cá dentro, o cárcere é bem mais sutil.
Tem forma de costume e de cilada.
Tem culpa, norma, sonho e funil.

Mas mesmo preso à carne conformada,
O gesto — esse sim — permanece febril:
Semente em vão, mas nunca conformada.

Soneto 65 — Censura

Calaram o que era som em meu quadril.
Disseram: "isso é demais", "é impróprio", "erra".
Cobriram a nudez, taxaram guerra
Ao gesto que vibrava — sutil, febril.

Tiraram da garganta o tom sutil.
Cortaram minha rima pela serra.
Chamaram minha dança de pantera,
Meu corpo de pecado juvenil.

Mas há silêncio que também liberta.
Há boca muda que se faz muralha.
E gesto que resiste pela aresta.

Calaram, sim. Mas não cortaram a falha:
Por onde passa a luz, ainda resta
A carne que não cede à guilhotina-palha.

Soneto 67 — Imunidade

O corpo não aceita o que lhe impõem.
Expulsa, com febril delicadeza,
A substância que mente e a certeza
Que invade como lei — ou como tomem.

Cria defesas contra o que consomem.
Ergue soldados dentro da moleza.
Faz guerra com o que traz gentileza,
Pois já conhece os fármacos que domem.

Nem toda cura é justa ao organismo.
Há venenos com voz de redenção.
E há beijos que carregam o abismo.

Por isso, mesmo em queda ou negação,
O corpo que recusa o catecismo
É gesto que ainda guarda o coração.

Soneto 69 — Transfusão

Entrou em mim sem rosto, nem fronteira.
Seu sangue percorreu as minhas rotas.
Tocou meus glóbulos, que em linhas tortas
Sentiram outra dor, outra bandeira.

Mistura que não pede mais carteiras.
Agora sou dois pulsos, duas notas.
O outro me sustenta em suas cotas,
E eu respiro por sua vida inteira.

A carne que se abre e não recusa
É mais que corpo: é vaso de aliança.
É pacto que na veia se propulsa.

Não sou mais só. A dor virou esperança.
No gesto que comparto, a alma pulsa
Com outra voz, com outra temperança.

Soneto 70 — Clareira de Sangue

No susto, houve um riso. Foi pequeno.
Mas cortou a tensão como uma flor.
No centro do colapso, havia cor
E uma respiração, embora ameno.

Um gesto tropeçado, mas sereno,
Trouxe calor à fratura do terror.
E mesmo entre feridas e torpor,
A carne riu — e ali, fui pleno.

Foi só um sopro. Um vinco na tragédia.
Mas bastou para abrir um outro canto,
Onde o toque não era só comédia.

Ali, no meio do sangue, havia encanto.
A clareira não nega a dor — só cede-a
A um instante em que o corpo dança tanto.

Soneto 71 — Respiração Assistida

Não fui eu que respirei. Foi a máquina.
Ela pulsava o ar por minha ausência.
Meu peito subia e caía em cadência
Estranha à minha força já opaca.

Era vida emprestada — quase cínica.
Mas dentro havia algo, uma urgência
Que não pedia fé, nem penitência:
Apenas que o ar voltasse à tônica.

Sobrevivi sem saber se era gesto.
Mas o corpo, mesmo sem decisão,
Agarrou-se ao sopro como protesto.

E quando o peito voltou à função,
Não era vitória — era só resto
De um corpo que não quis abdicação.

Soneto 72 — Fronteira Aberta

Caiu a cerca. O ar entrou sem freio.
A pele já não sabe o que é limite.
Tudo que é fora, agora se admite
Como se o corpo fosse um último meio.

Não há mais dor que apenas acredite
Na separação entre chão e anseio.
O sangue encontra o mundo sem receio,
E o gesto já não luta: ele permite.

Sou vento com pulsar. Sou terra nua.
Não há dentro, nem fora, nem abrigo.
Só carne em comunhão com a rua.

O corpo dissolvido é meu amigo.
A fronteira, rompida, continua
Na entrega: sou o mundo que prossigo.

ATO V

O CORPO COMO LINGUAGEM

Soneto 73 — Manuscrito de Veias

As veias desenham linhas sobre a pele.
Mapeiam gestos que ninguém escreveu.
E o sangue, esse tinteiro que escorreu,
Registra o que o silêncio não repele.

Cada batida é frase que compele.
Cada suspiro: verbo que se deu.
E o corpo, sem papel, se converteu
Em página que pulsa, se revela.

Sou texto sem gramática ou modelo.
Erro e acerto andam juntos no traçado.
Mas há beleza nesse tom singelo.

Não sou rascunho — sou o corpo narrado.
E mesmo em dor, o que ainda zelo
É o traço vivo no meu ser rasgado.

Soneto 74 — Palimpsesto

Debaixo da cicatriz, outro relato.
Por trás do gesto, há sombras de outros dias.
O corpo não apaga — ele anuncia
A vida que se escreve em sobretrato.

As marcas não são falha, nem boato:
São restos de antigas coreografias.
Vestígios de passagens, utopias
Que ainda respiram sob o novo tato.

Sou corpo sobre corpo, sobre ideia.
Camadas que ressoam como um hino
De tudo o que se foi — e o que incendeia.

Há ranhuras que contam o destino
De quem foi nome, e agora é epitéia:
Uma inscrição que resiste no fino.

Soneto 75 — Tatuagem Involuntária

Não escolhi a marca — ela surgiu.
Veio da queda, da febre, da espera.
Do tempo que cortou como uma fera
E deixou cicatriz onde sorriu.

Não foi desejo — foi o que insistiu
Em ser memória na pele sincera.
Marcou sem tinta, sem arte, sem esfera.
Foi dor, e mesmo assim não se diluiu.

Agora carrego o traço que é ausência.
Que não celebra — mas também não mente.
É testemunho mudo da experiência.

E mesmo sem querer, ele consente
Que o corpo fale em ranhura e carência:
Sou texto escrito a sangue transparente.

Soneto 76 — Gesto Sem Tradução

Falei com o olhar — ninguém ouviu.
Gritei com os ombros, com o pulso aberto.
Usei palavras feitas de deserto,
Mas só o corpo disse o que partiu.

Há gesto que não cabe em verbo frio.
Há dor que não se nomeia por perto.
E mesmo que o discurso seja certo,
Há algo que se cala no desvio.

Meu corpo fala o idioma da falha.
Do tropeço, do riso involuntário.
Da curva que se forma na navalha.

É língua feita de um dicionário
Que nunca foi impresso, nem muralha:
Só pode ser lido no itinerário.

Soneto 79 — Incisão Poética

Abri o peito — não por bisturi,
Mas por palavra que cortava fundo.
Não foi ferida vã, mas um segundo
Em que sangrei o verso que vivi.

Doeu, sim. Mas doeu porque escolhi
Fazer do verbo o traço mais fecundo.
A poesia me rasga, me faz mundo
E inscreve em mim o que nunca pedi.

Cada estrofe é uma carne que se abre.
Cada rima, um silêncio que se expande.
E o corte se transforma em suave sabre.

A dor que o poema canta nunca é branda.
Mas é ferida limpa, que não late:
Palavra que penetra e não desanda.

Soneto 80 — Costura

Remendei o que restou com o que pude.
Um ponto aqui, outro além, sem medida.
Fios de gesto, de fé mal repartida,
Costurando o que a dor não mais ilude.

Não há linha reta na alma que mude.
Nem ponto certo na carne vencida.
Mas a agulha que sangra também lida
Com o tremor do fio que não se escude.

Costurei sem saber se daria forma.
Apenas juntei o que era caco.
E nisso encontrei outra norma:

Ser inteiro não é ser sem buraco.
É abraçar o retalho como norma,
E erguer-se com dobras no casco.

Soneto 82 — Corpo-Eco

Toquei alguém, e algo em mim tremeu.
Não era só calor — era retorno.
Um eco em carne viva, um contorno
Que o gesto meu no outro acendeu.

O toque reverbera onde nasceu,
Mas nunca volta igual. Traz o entorno
De quem sentiu, e agora me transforma
Na curva que no outro se percebeu.

Sou corpo que responde ao que alcança.
Não sou sozinho no que me comovo.
Há sempre alguém no gesto que balança.

E cada toque me refaz de novo:
Um eco que se forma em esperança
De que, no outro, me descubra povo.

Soneto 83 — Alfabeto de Ossos

Meu alfabeto é feito de estrutura.
Cada osso guarda um som, uma lembrança.
A tíbia, o não. A vértebra, esperança.
A rótula, hesitação que não perdura.

Escrevo em mim com a dor que não censura
E cada articulação é uma balança
Que mede o que o silêncio ainda alcança
Quando a fala desiste da espessura.

Sou dicionário feito de estalidos.
Letras calcificadas no quadril.
Sílabas que os joelhos dão, partidos.

E mesmo se a gramática é sutil,
O corpo rima em gestos contorcidos:
Poema que se dobra e segue hostil.

Soneto 84 — Dicionário do Toque

Existe um verbo inteiro no carinho.
Um substantivo oculto no roçar.
E há pronomes no modo de abraçar
Que dizem mais do que qualquer caminho.

O toque tem acento e desalinho.
Flexão, partícula, verbo a pulsar.
E até silêncio sabe declinar
Se encosta em pele e desvia o espinho.

Falei contigo sem mover a boca.
Tua mão leu a frase no meu ombro.
Teu peito entendeu minha alma oca.

E assim, sem precisar de tom ou tombo,
Teu gesto traduziu o que sufoca:
O que em mim era dor, virou assombro.

Soneto 85 — Texto Vivo

Apaguei a ferida — ela voltou.
Reescrevi a pele — ela manchou.
Cortei a frase — mas ela vazou
No pulso onde o passado me tocou.

O corpo escreve mesmo se errou.
Mesmo que a cicatriz não assinou
O que a alma suplicou e escorregou
Na letra que o gesto deletou.

Não sou texto fixado, nem final.
Sou rascunho que pulsa sob a pele.
Narrativa que sangra ao ponto tal

Que até o fim da linha me repele.
Pois todo corpo, em seu sinal vital,
É versão que reescreve o que repele.

Soneto 86 — O Verbo que Anda

O verbo se fez corpo — e andou em mim.
Não foi palavra: foi joelho e medo.
Foi pé rachado, dor sem arremedo.
Foi gesto que sangrou até o fim.

Não veio como luz, nem como hino.
Veio no tropeço, no degredo.
Na língua presa atrás do arvoredo
De uma carne que hesita ser jardim.

Mas mesmo assim, falava — e com firmeza.
Mesmo no osso, havia dicção.
E a voz, embora surda, tinha beleza.

O verbo é o passo dado na tensão
De que andar é sempre uma incerteza —
Mas é também a única oração.

Soneto 88 — Gagueira

Falei, mas a palavra tropeçou.
Travou-se no meu dente, foi tropeço.
O som fugiu, e o gesto foi avesso,
Mas mesmo assim, o corpo articulou.

A gagueira era língua, era sinal
De que há dor demais na pronúncia.
Cada pausa foi forma de denúncia
De que nem todo som é natural.

E gaguejei — e mesmo assim fui dito.
Pois há beleza em quem não se encaixa
Na linha reta do discurso escrito.

Falei aos trancos. Minha voz se encaixa
No espaço em branco do que é infinito:
Sou corpo que tropeça, mas não racha.

Soneto 89 — Grafia de Ausência

Não deixei retrato, nem perfume.
Fui presença que o tempo não guardou.
A página ficou — mas não assinou
O nome que em silêncio se resume.

Passei por ti, mas sem deixar volume.
Só rastro breve que jamais ficou.
Escrevi-me em vento, e o que soprou
Foi ausência que ninguém assume.

Mesmo assim, fui letra no teu gesto.
Fui pausa no discurso que vacila.
Fui quase som, quase amor, quase resto.

E ainda que não reste voz ou fila,
Sou grafia que flui no manifesto
De um corpo que partiu — mas ainda brilha.

Soneto 90 — Silabário Final

Fui tentando formar meu alfabeto.
Letra por letra, falha após falha.
Nomeei-me com sopro, com navalha,
Com cada som surgido no completo.

Fiz do corpo o dicionário incompleto
De um idioma que em mim se espalha.
Busquei sentido em cada mortalha
E soletrei o gesto como amuleto.

Agora sou silábico e inteiro.
Não sou frase. Nem verso derradeiro.
Sou o que resta no fim da oração.

A palavra sem dono, sem roteiro.
Mas que insiste em dizer, por inteiro:
"Sou corpo — e esse é meu sermão."

ATO VI

O CORPO QUE PERMANECE

Soneto 91 — Fragmento Queimado

Queimaram tudo — só sobrou fragmento.
Nem nome, nem pele, nem registro.
Do gesto antigo, um eco ainda persiste:
Fagulha viva no carvão cinzento.

A dor se evaporou — ficou o intento.
A chama consumiu, mas não resiste
Ao traço que na sombra ainda insiste
Em dizer: "aqui houve um movimento".

Sou cinza que contém o que não morre.
Sou resto que ainda arde sem razão.
Sou brasa que no vento não escorre.

E mesmo sem contorno ou direção,
Ainda brilho no que o mundo escorre:
Corpo que arde depois da negação.

Soneto 92 — Gesto Sem Nome

O gesto não tem nome, mas persiste.
Ele atravessa o tempo sem legenda.
Não cabe em dicionário nem em emenda.
Não segue norma, não se contradiste.

Ninguém o catalogou, e ainda assiste
À história repetida que o remenda.
Mas nunca se completa nem se estenda —
É sobra, é resto, é sopro que resiste.

Sou feito desse gesto que não cessa.
Ninguém o entende, mas ainda pulsa.
Não é virtude — é só o que começa.

E mesmo que o silêncio o expulse,
Ele retorna sempre à mesa espessa
Do mundo: é o que não morre, mas convulsa.

Soneto 93 — Pó

Reduzi-me ao que o vento não segura.
Sou pó. Sou fragmento. Sou partícula.
Sou o que resta após toda articula-
ção falhar. Sou a ausência mais pura.

Não tenho mais contorno, nem altura.
Desfez-se o rosto, a boca, a clavícula.
Agora sou matéria sem matrícula,
Presença que não pesa nem perdura.

Mas há no pó a essência que ressoa.
Pois mesmo em pó, sou corpo que se move.
Sou sopro que o esquecimento entoa.

E quando a brisa me levar de leve,
Serei vestígio em forma que não doa —
Corpo que não morreu: só ficou breve.

Soneto 94 — Cinza de Origem

A cinza não é fim — é reinvenção.
Do que ardeu, ela guarda o fundamento.
É solo onde germina o pensamento
De que a ruína também é oração.

Não chora — ela silencia a combustão.
Não resta — ela relê o movimento.
É página que brota do tormento
E redesenha o corpo em negação.

Fui fogo. Depois sombra. Agora cinza.
Mas mesmo assim, há gesto que desponta
Do que parece nada — mas ainda vinca.

A cinza é solo — e não a conta
Final. É ventre surdo que se afina
Com o corpo que do fim ainda se apronta.

Soneto 95 — Lento Retorno

Voltei, mas sem alarde ou estandarte.
Não trouxe rosto — trouxe só presença.
Fui sombra no contorno da sentença,
Fui vento que desliza sem descarte.

Não me chamaram, mas me fiz reparte
Do gesto que resiste à indiferença.
Sou corpo que retorna em transparência,
Sem pretender tocar, apenas parte.

A brisa que envolve sem forçar.
A pele que arrepia sem temor.
A memória que volta sem pesar.

Não vim para provar nenhum valor.
Só para reaprender a respirar
E existir como gesto sem rumor.

Soneto 96 — Atestado de Voo

Assinaram: “não respira”. Mas eu fui.
Fui mais do que respiração ou pulso.
Fui mais do que o que a ficha traduziu
No laudo, que dizia: “já não pulsa”.

Voava no silêncio onde se intui
Que o corpo não termina quando expulsa
A alma. Há ainda um traço que conduz
O gesto para além do que repulsa.

Fui voo sem altura nem destino.
Partida sem bilhete ou carimbo.
Levantei sem motor, sem desatino.

E mesmo morto ao mundo, sigo limpo.
Pois meu atestado é cristalino:
“Gesto liberto — agora sem arrimo”.

Soneto 97 — Cadeira Vazia

Deixei a cadeira — e mesmo assim fiquei.
O espaço que ocupava não fechou.
O tempo, ao meu redor, não se esvaziou.
E mesmo sem meu corpo, lá, fiquei.

A ausência não tem som — mas ecoei.
No prato intacto, o gesto continuou.
No copo cheio, o silêncio dialogou.
E a roupa, sem calor, ainda suei.

Não estou — mas persisto no espaço.
A falta diz o nome que calaram.
A ausência tem textura, tem compasso.

E mesmo que meus olhos se fecharam,
A cadeira vazia é o meu traço:
Sou presença nos lugares que deixaram.

Soneto 98 — Corpo Invisível

Ninguém me viu passar — mas fui presença.
Toquei sem ser notado, fui calor
Na curva do assento, no vapor
Que fica onde o silêncio ganha densidade imensa.

Sou corpo que não busca recompensa.
Não grita, não reclama, não tem cor.
Mas onde houve escuta, fui fulgor
Que acende mesmo à margem da sentença.

Sou sombra leve, mas não sou ausente.
Não peso, mas me sinto quando cesso.
Não falo — mas me ouvem claramente.

E mesmo que me falte o acesso,
Permaneço onde o olhar é transparente:
Sou corpo que se escreve no excesso.

Soneto 99 — Linha de Presença

Não fui ponto — fui linha que atravessa.
De corpo em corpo, gesto em gesto, sigo.
Sou o traço que liga o inimigo
Ao irmão que, em segredo, ainda reza.

Sou linha tênue, mas firmeza expressa
No toque que costura abrigo.
Sou cicatriz comum, o antigo
Sinal de que a dor também é peça.

E sigo entre os que vivem e os que foram.
Na palma que se estende, no abraço.
No nome dos que não mais decoram.

Sou fio que não parte nem se laço.
A presença dos que já se foram
Na carne dos que herdam esse espaço.

Soneto 100 — Último Corpo

Este é o corpo que não mais recua.
Que ardeu, calou, doeu, rompeu e soube
Ficar de pé, mesmo onde nada coube,
Mesmo onde a fala, enfim, se fez nua.

Não há mais voz — mas a presença atua.
Não há mais dor — mas há o que retome
A história em carne, gesto e sobre-nome
Que o tempo sussurrou à tarde crua.

Este é o corpo último, sem disfarce.
O que não precisa mais dizer-se.
O que já é palavra — e que se farse.

Não some, não se dobra, nem deserte.
É o corpo que, mesmo quando parte,
Permanece: inteiro, vivo, inerte.

Coda

A carne muda habita a dobra do universo;
Conserva cada gesto a própria inscrição.
O tempo toma o peso e prolonga o seu verso;
O resto ganha corpo em cada duração.

A matéria recolhe o que a matéria entrega.
O vinco permanece inteiro na extensão.
Cada presença antiga outra presença agrega.
Cada silêncio amplia a mesma vibração.

O corpo segue escrito na espessura da terra.
O gesto muda apenas o lugar onde persiste.
A forma reconhece a forma que a encerra.

O peso continua a obra que consiste.
O resto abre outro corpo onde o tempo se aferra.
E toda permanência continua em que existe.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*™, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se "e agora?", "Buscando a Borges", "Cinco Formas", "Ashes of Bronze" e da obra filosófica "Ontologia dos Restos". Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), que retoma a ossatura das formas renascentistas talhadas por Claude Garamont. Há, nessas letras, uma memória artesanal que não se apaga: cada serifa guarda o gesto antigo da prensa, cada curva lembra a matéria que resistiu ao tempo. A fonte não veste o texto — ela o encarna. É a moldura necessária para conter a carne que aqui insiste em transbordar. Assim como os poemas que atravessam estas páginas, a Garamond preserva um diálogo entre permanência e fratura. Sua elegância não busca ornamento; oferece sustentação. O corpo do texto, em sua regularidade, mantém o que a obra exige: um chão firme onde a palavra rasga, hesita e ainda assim permanece.

A edição digital foi concluída em agosto de 2026, pela *Ars Verbi*™, em Lapa, Paraná — lugar onde o silêncio conserva o peso da linguagem e onde este livro, feito de ossos e gesto, encontrou a forma final para a sua respiração.

O CORPO QUE PESA

Entre a carne e o chão, o gesto.
Entre o gesto e o silêncio, o peso.
Entre o peso e a palavra, o resto.

O Corpo que Pesa é uma travessia poética sobre a matéria que somos e o que nela permanece. Em sonetos que descem ao osso, o livro percorre o corpo em sua dor, em sua resistência e em seu modo de guardar o que não se dissolve.

Não é sobre superação. É sobre permanência. Sobre o que resta quando tudo cala. Sobre o gesto que insiste em existir sob a própria pressão.

A todos os corpos que não couberam nos formulários.

ISBN 978-65-980750-5-0

ARS VERBI